

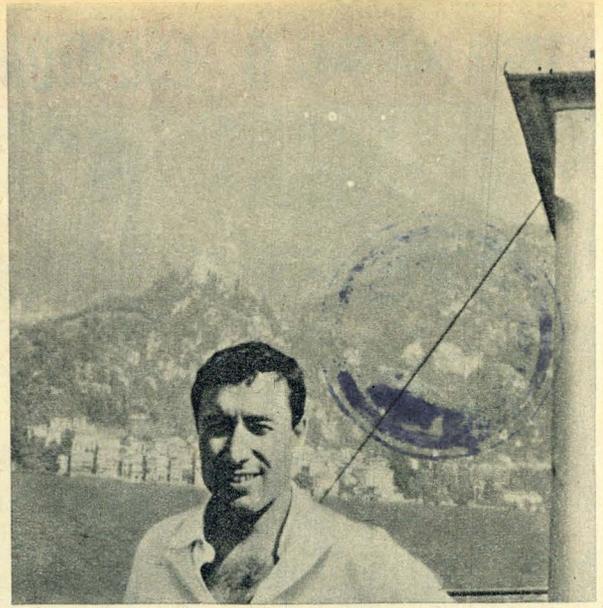
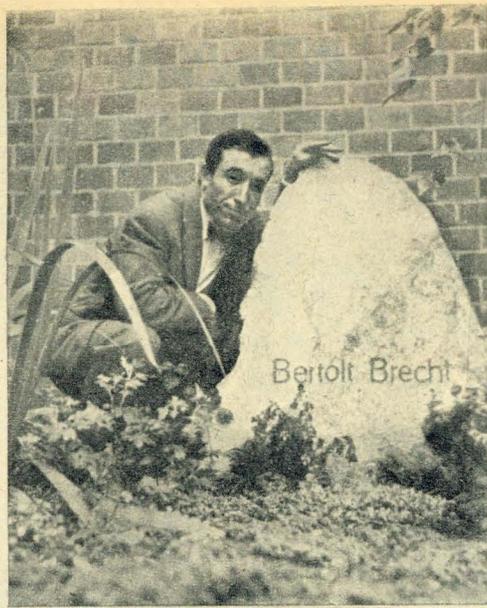
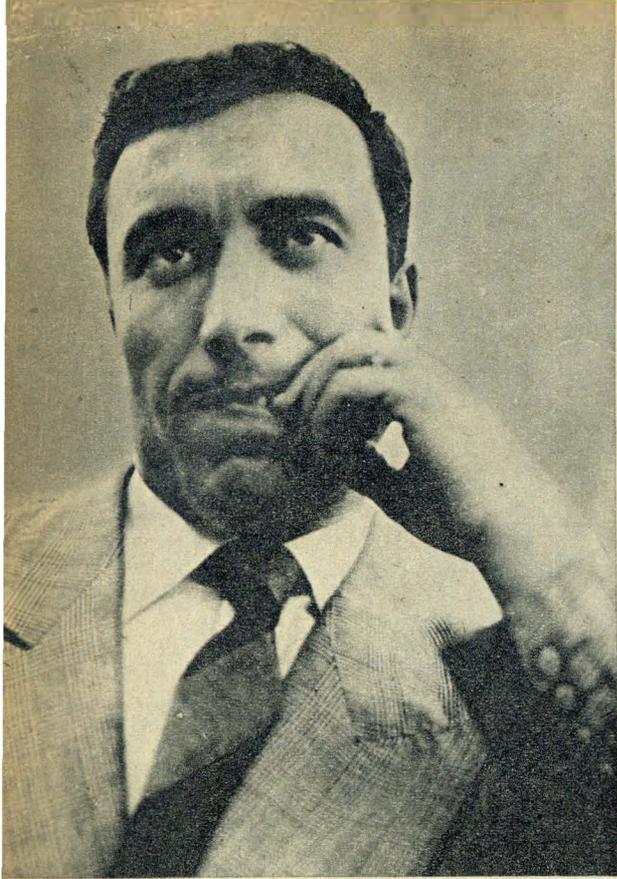
NESTE NÚMERO: O ESCRITOR NA INTIMIDADE



O SÉCULO

ILUSTRADO

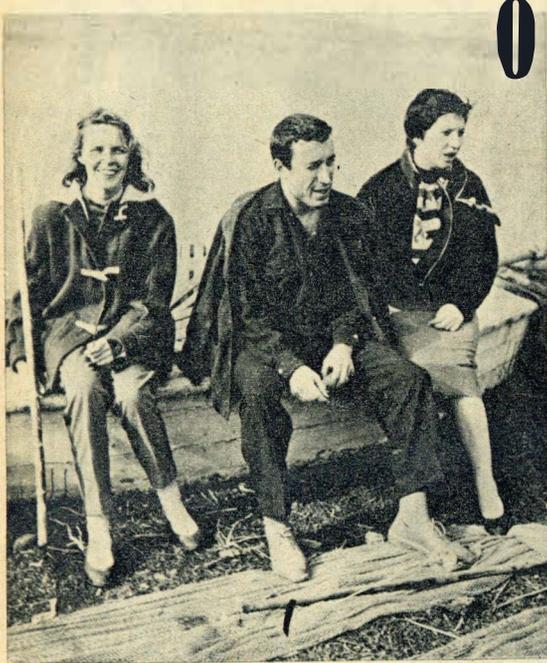
ANO XXII • N.º 1133 • 19 DE SETEMBRO DE 1959 • SAI TODOS OS SABADOS • PREÇO 2\$50



Com 34 anos apenas, José Cardoso Pires é, hoje, um dos chefes-de-fila da moderna geração literária portuguesa. Os seus livros são, sempre, acolhidos com alvoroço por um público cada vez mais vasto e consciente, ao mesmo tempo que o seu nome começa a ecoar além-fronteiras. Nascido no Peso, aldeia aglutinada pelo distrito de Castelo Branco, veio muito cedo para Lisboa, em cuja Faculdade de Ciências se matriculou. A neurastenia de um quotidiano sempre igual suscitou, em si, desejos de um contacto mais pertinente com a vida. Foi, sucessivamente, angariador de publicidade, agente de vendas, funcionário público, intérprete e empregado numa companhia de aviação. EM CIMA: Junto do túmulo de Bertolt Brecht, em Berlim, e (a seguir) no Lago de Como (Itália). A ESQUERDA: Uma das mais recentes fotografias do escritor

ANJO ANCORADO

HOMEM do



O seu livro de estreia foi «Os Caminheiros e Outros Contos», que o situou, de imediato, na primeira linha dos nossos escritores mais vigorosos e originais. O volume suscitou apaixonantes polémicas, que se reaviveram, mais tarde, com a publicação dos seus outros dois livros, «Histórias de Amor» e «Anjo Ancorado». EM CIMA: José Cardoso Pires com a esposa e uma senhora inglesa, June, amiga do casal, em Fonte da Telha, local onde escreveu, totalmente, o novo romance «Anjo Ancorado»



O escritor gosta de corridas de automóveis e detesta corridas de touros. Explica, pitorescamente que, no segundo caso, dá sempre razão ao bicho. Na imagem vê-se José Cardoso Pires (em segundo plano) no «box» de Stirling Moss, de quem é amigo. Na foto estão, também, o dr. Luís Monteiro, da Cooper (segundo da esquerda), Collin Chapman, director de treinos da «Lotus» e o corredor Mao Lauren

LUGAR DE HONRA PARA HEMINGWAY

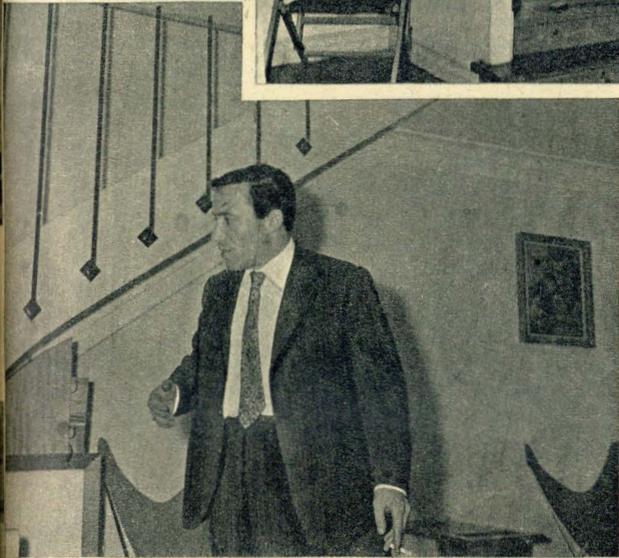
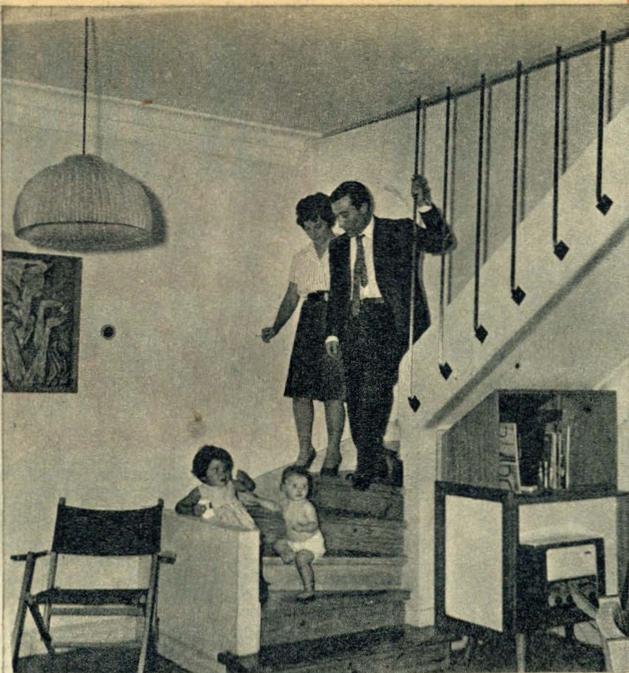
Cardoso Pires prefere escrever num ambiente calmo e isolado. Não esconde a sua admiração por Hemingway, cujo estilo rude e seco o impressiona. Aliás, no seu gabinete de trabalho, o autor de «O Anjo Ancorado» tem um enorme retrato do seu confrade americano em lugar de honra. Nestas duas fotos, vê-se o escritor com a filha mais nova, Rita, e mostrando uma curiosa e rara peça escultórica de arte negra



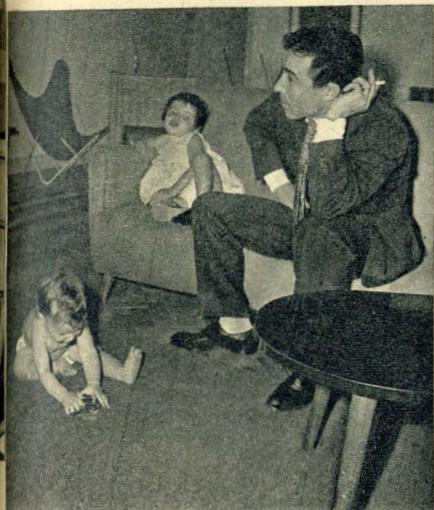
O SÉCULO ILUSTRADO

Edição semanal de «O SÉCULO»
 Director
CARLOS PEREIRA DA ROSA
 Chefe da Redacção:
REDONDO JÚNIOR
 Redacção e Administração: Rua do Século, 41-63 — Oficinas Rua do Século, 59, e Travessa da Oliveira à Estrela, 4-6 — Editor: Fernando Castro — Telef.: P.B.X. 32751 — LISBOA
 Propriedade:
Sociedade Nac. de Tipografia
 Ano XXII-N.º 1133-Preço 2\$50
 19 DE SETEMBRO DE 1959
 SAI TODOS OS SÁBADOS

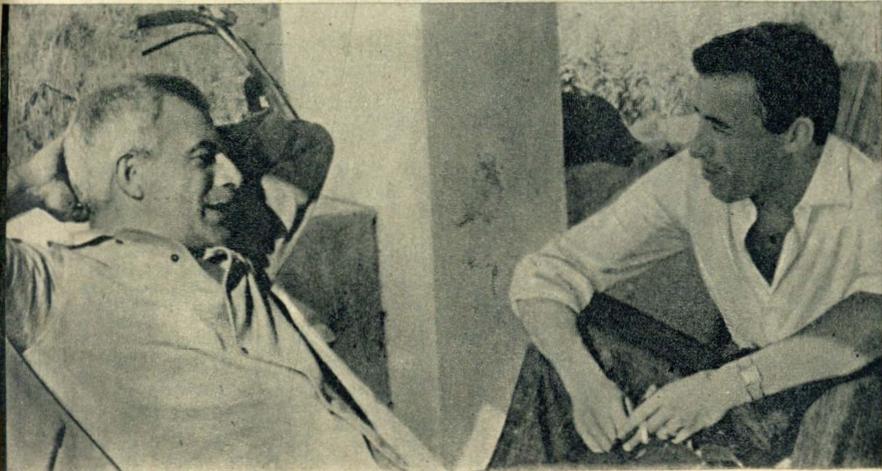
Nos últimos anos da guerra, José Cardoso Pires, foi praticante de piloto da marinha mercante. Essa experiência parece ter assinalado, em si, o começo do escritor. De regresso a Lisboa, trabalhou numa editorial e foi redactor de uma revista de actualidades. Deve-se a si a revelação, em Portugal, das obras de Arthur Miller e Horace McCoy; na realidade, foi ele quem traduziu «Morte De Um Caixeiro Viajante» e «O Pão da Mentira». A DIREITA: O escritor, a esposa e as duas filhas. ANA e Rita, fotografados na intimidade do seu lar



O autor de «Anjo Anorado» é um homem de rosto duro, recortado, com contornos agudos, de voz seca e frase curta. O seu olhar é rápido e coruscante, a traíra uma inteligência viva. Modesto e simples, vive numa casa modesta e simples, da periferia da cidade. Bebe bem e fuma ininterruptamente. Segundo ele próprio confessa, gosta de fazer pequenas incursões pelas praias, encher-se de sol e de iodo para enfrentar, depois, a inevitável intoxicação citadina



«Cartilha do Marialva», ensaio, e «O Hóspede de Job», romance em que pensou desde sempre, são os seus dois livros que devem sair ainda este ano. Renovador da «short-story» portuguesa, Cardoso Pires parece não se aperceber da importância que a sua obra tem, já, na Literatura portuguesa. É um escritor preocupado com o curso da História, um homem actual que estuda e que procura, sempre, superar-se a si próprio. Escreve com dificuldade, como ele próprio o diz, e os seus livros são, todos, meditados e revistos, cuidadosamente. EM CIMA: Outros instantâneos da vida privada de Cardoso Pires. EM BAIXO: Conversando com Elio Vittorini, na residência deste último, próximo de Saint-Tropez



PERGUNTAS E RESPOSTAS a JOSÉ CARDOSO PIRES



- Em que época teria preferido viver?
- Na que vivemos ou na daqui a 50 anos.
- Dos livros que leu, qual a personagem que, até agora, lhe pareceu a mais antipática?
- A Morgadinha dos Canaviais.
- Como reage perante a imbecilidade?
- Não tenho regra definida. Reajo, que é a que importa.
- Em que idade viu, pela primeira vez, um cadáver e qual foi a sua reacção?
- Aos oito ou nove anos. A reacção foi de medo, estranheza e uma certa repulsa. Uma criança tem ainda uma ideia mística do homem. A morte é, para ela, mistério; e a vida perfeição.
- Trabalha febrilmente, ou com perfeito domínio das suas faculdades?
- A concepção romântica do escritor manda que se diga «trabalha febrilmente» sim, senhor, toda «possuído» (sic) pela drama das minhas figuras etc. etc. Essa ideia «fatalista» da acto da criação literária já não se usa. É um mito.
- Que herói de romance mais a apaixonou, até hoje?



- Talvez Fernão Mendes Pinto, herói de «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto... Talvez o Raskolnikov, de «Crime e Castigo»... É difícil responder.
- «Digo sempre; não o que deveria dizer, mas o que na verdade penso», escreveu Oscar Wilde. Como define este pensamento?
- Wilde, como «fils à papa» do ceticismo «estilo Bloomsbury», escreveu muitas sentenças gratuitas como essa, criticando o chamado jogo das conveniências. Vistas as coisas numa base mais vasta e menos pessoal, a verdade vai sendo cada vez mais evidente, cada vez mais palpável. O homem do rua dos nossos dias poderá não dispor de meios para «executar» a verdade, como está acontecendo em certas situações de crise histórica. Mas sabe pela menos onde ela está. Quem, por exemplo, ignora hoje o que é uma guerra? Alguém a vê com o halo fantástica de há cem anos? Alguém ignora o factor dinheiro na base desse conflito?
- Que pintores portugueses admira?
- A lista seria imensa. Nuno Gonçalves, os mestres da Sardoal, Pausão, Sousa Cardoso, Mário Eloy, Vieira da Silva...
- Quais os quatro artistas plásticos da «Geração dos 30 anos» que mais admira?

(Continua na pág. 6)



CARDOSO PIRES

(Continuado da página 3)

— Pomar, João Abel Manta, Lagoa Henriques e Jorge Vieira.

— Nomeie os dois escritores portugueses da «Geração dos 30 anos» e dois estrangeiros da actualidade, que mais o interessem.

— Carlos de Oliveira e Alexandre O'Neill; Italo Calvino e Roger Vailland.

— Que pensa da geração portuguesa dos homens de 30 anos?

— Aquilo a que chama «a geração dos 30» (a geração dos homens da casa dos trinta anos) é uma facilidade de expressão. Numa mesma época viveram Caim e Abel e não pode dizer-se que se tenham dado lá muito bem ou que tivessem pontos de vista comuns...

A definição é perigosa, porque pressupõe uma unidade de princípios e uma vizinhança de posições que nem sempre se verifica.

A história, penso eu, não se faz por gerações nem se explica uma época por dois ou três casos típicos. É por essa razão que, para mim, o «Anjo Ancorado» não pode ser, como se disse, um retrato da geração que sucedeu à minha.

— Gosta de touraças?

— Não. Dou sempre razão ao touro.

— Cite uma frase célebre, que concretize uma posição de homem.

— «Ser homem é ser responsável. É aprender a sentir alegria pelas vitórias que outros conseguiram e a ter nojo dos males de que não se foi culpado». Saint-Exupéry.

— Segundo o conceito brechtiano, «o homem começa a agir quando realmente começa a pensar». Quer estabelecer um exemplo ou dizer a sua opinião?

— Brecht foi toda a vida um vigilante inconformado da marcha do seu tempo. A sua grandeza de escritor veio dessa meditada atitude, que o empenhou em procurar dar uma escala de justiça ao justo caminho da História. E embora se saiba que o Mundo progride a uma velocidade espantosa, descansar nessa certeza é um perigoso vício de burocratas. Conheçamos as próximas «étapes» dos destinos do homem e para as atingirmos sem «deficits» nem decepções é preciso agir como responsáveis e não como elementos instalados em certezas optimistas. Pensar, corrigir, foi o vício salutar de Brecht. Isso porque a História precisa de ajuda e de correcção e porque o futuro se faz no presente.

ASPIRINA

